

DA LAMA A MANGUETOWN: O MANGUEBIT NA 'RE'CONFIGURAÇÃO DE UMA PLURALIDADE CULTURAL

Igor da Nóbrega Gomes*

Resumo: Este trabalho mostra alguns elementos, considerados significativos, que contribuíram para o processo historiográfico da cultura pernambucana do final dos anos 1990, através da observação e análise de um dos maiores Movimentos da história da Música Brasileira: o *Manguebit*. A partir das canções presentes nos álbuns *Da lama ao caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996), foi possível verificar ainda as contribuições que a banda deixou para o cenário musical do país, numa perspectiva atemporal.

Palavras-chave: Cultura; Música brasileira; Manguebit.

Resumen: Este artículo muestra algunos elementos considerados significativos, lo que contribuyó al proceso de la cultura historiográfica de Pernambuco, en la década de 1990, a través de la observación y el análisis de uno de los mayores movimientos en la historia de la música brasileña: el *Manguebit*. En vista de las canciones encontrado nos discos *Da Lama ao Caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996), también fue posible observar las contribuciones que la banda dejó al contexto musical del país, en un aspecto sin tiempo.

Palabras-clave: Cultura; Música brasileña; Manguebit.

1 Introdução

No início da década de 1990, Recife era considerada a *quarta pior capital do mundo para se viver*, segundo o *Institut Population Crisis Commitee de Washington*. A cidade convivia com uma imensa disparidade socioeconômica, podendo ser presenciada diretamente em seus manguezais, que comportavam uma população extremamente pobre. Eram os “marginalizados” da sociedade, improvisando suas moradias com palafitas e construções precárias, ao mesmo tempo em que milhares de caranguejos configuravam a respectiva paisagem. Todo esse cenário remetia ao Quilombo de Palmares, pois o anseio de sobrevivência, diante da dura realidade imposta, fazia-se presente em ambos os contextos históricos. Os avanços tecnológicos presenciados no Brasil, sobretudo, a partir da disseminação do processo de globalização dos anos 1990, também foram decisivos para a consolidação da nova “cena” musical do país, que uniam os termos Mangue + Bit (unidade de memória presente em computadores), e acabaram influenciando os jovens músicos Chico Science, Fred Zero 04, além do DJ Renato L, a originarem o *Movimento do Manguebit ou Manguebeat*.

Diante desse contexto, os *mangueboys*, como também eram intitulados os precursores do *Manguebit*, entenderam que era preciso “metamorfosar” a Música Brasileira, a partir de ingredientes já existentes. Em outras palavras, a proposta do Movimento não foi criar ou construir um novo

* Graduado em Comunicação Social (com habilitação em Jornalismo), pelas Faculdades Integradas de Patos.
E-mail: igor_nob_gomes@hotmail.com



gênero musical, mas sim justapor tendências e estilos que valorizassem as tradições folclóricas regionais – maracatu, coco de roda, embolada, repente e etc – com a cultura afro-inglesa e britânica. Além disso, as composições de *Chico Science & Nação Zumbi* retratavam um velho problema na história social de Recife e do Brasil inteiro: as disparidades econômicas entre ricos e pobres. Os mangues da cidade foram utilizados como locais de protesto e manifestação nos álbuns *Da Lama ao Caos* e *Afrociberdelia*, pois concentravam a maior parte da miséria da cidade. Como clamar a voz dos excluídos? Como chamar a atenção dos governantes para o descaso e degradante quadro de infortúnio que a capital pernambucana vivenciava? Enfim, como romper com a sede de ambição de uma “minoría”, em detrimento da sede de sobrevivência de uma “maioría”? Essas e outras perguntas podem ser respondidas a partir da verificação de um dos Movimentos mais importantes da história da Música Brasileira.

Através disso, o presente artigo apresenta, na Seção 2, a construção dos elementos presentes na esfera política e socioeconômica da cidade do Recife, que foram decisivos para a implantação do Movimento do Manguebeat. A cultura popular, na perspectiva de instrumento capaz de transformar toda uma sociedade, foi um fator preponderante no processo de disseminação das tradições folclóricas do Recife. Nesse sentido, o cinema e o teatro foram algumas das artes utilizadas para expandir a mistura de ritmos, propostas por Science e demais mangueboys, o que acabou transportando o Movimento para outras fronteiras. Nessa época, ainda, verifica-se a valorização de grandes Festivais de Música de Recife, a exemplo do *Rec Beat* e do *Abril Pro Rock*.

A Seção 2.1 traz as peculiaridades dos álbuns *Da Lama ao Caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996), uma vez que ambos marcam a presença dos trabalhos de Chico Science, à frente de *Chico Science & Nação Zumbi*. A adoção da bateria e a intensificação dos ritmos afro, no segundo disco, caracterizam bem a evolução, o aperfeiçoamento e as tendências do grupo com o *Manguebit*. Por sua vez, as Seções 2.2 e 2.3 apresentam o estudo de algumas das principais composições que marcam os respectivos álbuns, tendo em vista a proporção que estas músicas alcançaram em nível regional, nacional e mundial. Dentro desse contexto, percebemos que o advento das inovações tecnológicas compôs uma das peças-chaves para a elaboração das canções do grupo, uma vez que a capital pernambucana, o Brasil e o mundo inteiro, eram palcos do avanço e ascensão vertiginosa dos produtos da dita “Tecnologia”. Por outro lado, o poeta pernambucano tentava atrair a atenção dos jovens da cidade, pois ali, segundo ele, seria o celeiro de grandes nomes que marcariam a “nova” música brasileira.

2 Os tempos Manguebit: uma cena na/da música pernambucana que ecoou no Brasil em forma de Movimento

De acordo com Tesser (2007), o Movimento teve como pressupostos, a sua criação, o legado presente na filosofia punk do *do-it-yourself* (faça-o você mesmo), que uniu-se a perspectiva da lama e do caranguejo¹, elementos característicos da esfera diversificada do mangue, considerado um dos ecossistemas biológicos mais ricos do mundo, que liga a matéria orgânica das águas salgadas (mar) e

¹ Neto (2007) expõe que a figura do caranguejo foi utilizada como principal símbolo do grupo mangue, uma vez que a história do Recife – a partir do século XVIII – é marcada pela presença das nações de maracatu, grupos que sofreram influência da cultura africana. As Nações Africanas, como também são denominadas, sempre escolheram animais para representar seus conjuntos (peixe, leão, águia, elefante e etc).

doces (rio). Mas para se obter minuciosamente tal observação, Chico Science, considerado o pai do *Manguebit*, buscou conhecimento na obras *O ciclo do caranguejo* e *Geografia da Fome*, do geógrafo Josué de Castro, que inspirou o músico a utilizar essa diversidade heterogênea para simbolizar a inserção de uma efervescência fértil e regeneradora da cultura pernambucana, e assim obter os conceitos *caranguejos com cérebro*² ou *homem-caranguejo*, tema do primeiro Manifesto:

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. [...] Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo era engendrar um “circuito energético”, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

Além disso, Chico Science conhecia bem a realidade na qual ele se propunha a difundir, pois conviveu boa parte de sua infância em alguns manguezais que cortavam os bairros de Paulista e Rio Doce, brincando com siris, camarões e com os próprios caranguejos. Diante dessa perspectiva, o professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP), Herom Vargas, Doutor em Comunicação e Semiótica, através do vídeo-documentário *O Beat de Chico Science*³, vai mais além quando afirma que Chico Science, Fred 04, Renato L e demais idealizadores da cena recifense, seriam os caranguejos responsáveis por arejar e colocar o “ar” dentro de toda a “lama”. Para ele, Mangue não é sinônimo apenas de junção e mistura, mas representa toda uma diversidade sociocultural.

Para tanto, Chico Science e Fred 04 entenderam a importância de se trabalhar com a considerada cultura popular, tão esquecida naquele dado momento histórico, principalmente entre a própria esfera social da cidade do Recife. Por sua vez, a figura do homem marginalizado e discriminado socialmente, ou ainda, o morador da favela recifense que, humildemente, lutava pelo pão de cada dia, mas não tinha qualquer perspectiva de futuro, intrigava cada vez mais os fomentadores do Movimento. Enquanto isso, o pagode, o sertanejo e, principalmente, o axé music, comportavam uma tendência nacional que era rapidamente difundida pela mídia aos quatro cantos do país. Associado a isso, o lançamento do plano real, na tentativa de estabilizar a economia brasileira; a soberania dos CD´s frente aos discos de vinil; as tentativas frustradas de se encontrar a cura para a AIDS; a posse de um “ex-esquerdista” como Presidente da República (Fernando Henrique

² Concepção empregada que designa a saída dos caranguejos de seu habitat natural (manguezais), para ingressar dentro da própria sociedade.

³ O vídeo-documentário é baseado na tese “Chico Science e Nação Zumbi: um estudo sobre o hibridismo e as relações entre música, mídia e cultura”.



Cardoso - FHC), refletiam o contexto socioeconômico, cultural e político que o país vivenciava no início dos anos 1990, conforme reflete Neto (2007).

A linguagem utilizada por Science era calcada na literatura popular, representada por símbolos e gírias presentes no próprio espaço regional. A poeticidade das obras de Chico chama bastante a atenção, pois o cantor aponta para a própria “comédia” enfrentada pelos menos favorecidos socialmente: diante da miserabilidade no qual enfrentam, os “oprimidos” ainda conseguiam rir da própria adversidade. Os representantes do Manifesto objetivavam trabalhar com os elementos presentes na própria tradição cultural pernambucana, a fim de que o produto final (som) fosse aceito e tocado em outras fronteiras. Através disso, diversas obras, em várias áreas do saber, têm se dedicado a pesquisar o movimento *Manguebit*, dentre as quais destacaríamos *Do Frevo ao mangue Beat* (TELLES, 2000), *Música e simbolização - Manguebeat: Contracultura em versão cabocla* (MARKMAN, 2008), e *Hibridismos Musicais de Chico Science & Nação Zumbi* (VARGAS, 2008).

Assim sendo, o caráter irônico das “desgraças” sociais presenciadas na cena mangue era um artifício bastante utilizado nas composições do Movimento, ou seja, o desejo de ruptura ao sistema e sua consequente mudança, eram rapidamente absorvidos pela contracultura difundida, principalmente, por Science, que idealizava suas concepções como desenhos animados e de ficção científica, assim como histórias em quadrinho, através de um processo constante de metamorfose.

A ideia do caranguejo como símbolo teve o apoio dos artistas gráficos Hilton Lacerda e Hélder Aragão (DJ Dolores), que sugeriram o motivo para o Movimento Mangue: uma fábrica de cerveja feita com água do mangue espalhou um vírus que, ingerido, provocaria a mutação dos seres humanos em caranguejos. Era uma forma de tornar a proposta do grupo mais inteligível. (NETO, 2007, p. 17).

Essa contracultura presente nas obras de Chico Science atendia aos motes vivenciados pela pós-modernidade, que naquele contexto histórico (anos 1990) tentava reconfigurar o sistema vigente, que atendia as exigências do Capitalismo e da Globalização. As identidades culturais são as mais atingidas por tais requisições, uma vez que a concepção sociológica para o termo “sociedade”, vem recebendo novas características espaciais e temporais. Conforme pontua Hall (2006, p. 18):

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”; as identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização; as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar.

Sendo assim, o poeta pernambucano deu total importância à corrente pós-moderna do *Eclétismo* ou *Sincretismo*, ao misturar componentes da cultura regional com outros de origem “globalizada”. Enfim, foram elementos como esses que Chico Science e Fred 04 precisavam para unir com a diversidade musical existente. O Maracatu foi um dos primeiros ritmos adotados pelos jovens, pois constituía a própria essência da cultura pernambucana, principalmente a encontrada nos carnavais de Recife e de Olinda. Apesar de o Maracatu Nação (de baque virado) ter apresentado forte



relevância nas composições do movimento, o Maracatu Rural⁴ (baque solto) foi o mais utilizado nesse processo. A irreverência e a riqueza da sonoridade desta batida, unificada à miscelânea de cores e vestimentas, inspiraram Chico Science a incorporar a figura do caboclo de lança, personagem principal do Maracatu Rural, nos shows em que realizou pelos palcos do Brasil e do mundo.

Quando Chico Science toma emprestado ao Mestre do maracatu rural, Salustiano, a fantasia do personagem caboclo de lança, quando ele encarna nas suas apresentações esse outro personagem do cavalo marinho, o Mateus, ou ainda quando ele constrói seu universo em cima da imagem do caranguejo, percebe-se que ele entendeu a importância dos símbolos para exercer uma forte empatia junto ao público, mas também junto aos jovens músicos aos quais ele se dirige, pedindo que acordem e que, sobretudo se façam ouvir. (TESSER, 2007, p. 76).

O maracatu não só se fez presente nas composições do *Manguébit*, como também foi o principal ingrediente das mesmas. Os tambores contrastavam com a entonação dada pela voz de Chico Science, sobretudo, que ainda não hesitava em teatralizar suas interpretações. Além do Maracatu, os manguéboys sentiram a necessidade de utilizar outros elementos regionais que estavam sendo esquecidos pela indústria cultural. Dessa forma, o repente, o coco-de-roda, a ciranda e a embolada foram revisitados como manifestações culturais nordestinas, que, na maior parte das vezes, não eram valorizadas ainda no âmbito escolar. Chamar a atenção dos jovens para a existência de um universo tão rico e que se encontrava no próprio espaço no qual eles estavam inseridos, era uma das grandes necessidades de Chico Science, Fred 04 e demais adeptos da nova cena instaurada. A utilização da música pop internacional (o rap, as várias vertentes eletrônicas e o neopsicodélico inglês), através da ousada união de ritmos afro-americanos com afro-brasileiros, foi uma louvável e decisiva iniciativa para atrair a atenção da juventude, fato que permitiu o *Manguébit* se tornar, na visão de alguns críticos de todo o país, como o Movimento musical mais importante do Brasil, depois da Tropicália. Na realidade, o Tropicalismo e o *Manguébit* não criaram um novo estilo para a música, mas apenas utilizaram componentes já existentes. Conforme relata o músico e professor da PUC-SP, Walter Garcia, no vídeo-documentário *O Beat de Chico Science*: “você tem ali os elementos da percussão, que são os pés fincados na lama, no mangue. E aqui em cima você tem o groove do pop internacional. Não é que elas se misturaram. Elas ficaram justapostas. Essa maneira de você justapor um elemento de tradição brasileira e um elemento internacional é uma receita tropicalista”.

Para configurar essa ideia de cultura popular versus massificada, Chico utilizava uma verdadeira miscelânea em sua indumentária, que era revestida por objetos característicos dos próprios camelôs – chapéu de palha sem a conhecida “aba”, óculos extravagantes, alguns anéis nos dedos, camisa no chamativo estilo “chita”, colares e outros adereços. Portanto, o músico não só refletia sua tendência na mistura de ritmos culturais e musicais, como também expressava essa concepção nos moldes de figurinos de teatro, por exemplo.

⁴ Também denominados de trombone ou de orquestra, possui um conjunto diversificado de ritmos, que tornam o ambiente completo, sonoro e, ao mesmo tempo, singular. Para tanto, são utilizados de percussão, sopro, caixa, tarol, surdo, gonguê, cuica com ronco de porco, entre outros elementos.



Chico (e o movimento mangue como um todo) usou um pouco da magia circense, do teatro, da ópera, do balé. Projetaram um clima de histórias em quadrinhos, desenho animado, faroeste, samba de roda e muito da vivacidade da cultura africana, como já dissemos – código, rituais, festas, tradições, recriando com suas composições um clima naturalista pós-moderno onde a fantasia une-se à revolução. Além de mexer com boa parte dos 1,8 milhão de habitantes dos 94 bairros do Recife – cidade que em 1999 completou 462 anos – o movimento mangue cruzou os mares e invadiu Portugal. (NETO, 2007, p. 83).

A massificação da indústria cultural, no qual o número de “vendas” dos discos se sobrepõe a “qualidade” musical na produção dos mesmos, foi cada vez mais consolidada pelas produtoras e gravadoras de todo o país. Para tanto, o jornal impresso, o rádio, a televisão, a revista e, principalmente, a internet, foram e ainda são os grandes aliados neste processo da disseminação da música popular massiva e tecnológica. É através desse sentido que os músicos recifenses aproveitaram o momento globalizado da música para lançarem suas ideias e protestos.

Chico Science & Nação Zumbi juntamente com os outros grupos que fazem o Mangue Beat, representam um fenômeno novo dentro da produção musical brasileira, pois contrariamente à indústria cultural e à cultura de massa vigente, ao invés de destruírem as culturas periféricas e populares, vão criar um espaço de inclusão, inesperado, das expressões marginais. Até então, eles teriam sido somente o objeto do pensamento crítico que encontramos nas letras de algumas músicas brasileiras, sobretudo aquelas ligadas à MPB. Hoje, eles representam o « objeto » que começa a se manifestar, se tornando o sujeito. Passando de objeto de crítica a sujeito da criação de uma nova linguagem, os garotos pobres das metrópoles brasileiras começam a produzir um espaço diferenciado para a expressão das suas experiências de vida. É a inserção dos jovens marginalizados da sociedade. (TESSER, 2007, p. 04).

A homogeneização dos gêneros musicais adentrava nos diversos setores da população em uma velocidade vertiginosa. Mas a atenção de boa parte dos adolescentes estava concentrada no pop, hip hop e rock alternativo da época, que juntos tentavam interromper com a saturação apresentada pelo BRock⁵ de décadas anteriores. Tendo em vista esse aspecto, alguns selos produtores do Brasil, como o Chaos, promoveram a ascensão de artistas e grupos musicais voltados para o referido público: *Planet Hemp*, *Cidade Negra*, *Skank*, *Jota Quest*, *Gabriel O Pensador* e os inovadores *Chico Science e Nação Zumbi* e *Mundo Livre S/A*. Esta última teve seu primeiro CD – o *Samba Esquema Noise* (1994) – lançado pelo selo independente *Banguela Records*, o mesmo que havia revelado bandas como Titãs, nos anos 1980. O álbum, que foi gravado e mixado de março a junho de 1994, em São Paulo, no estúdio *Be Bop*, partiu de uma parceria firmada entre o produtor Carlos Eduardo Miranda e o baterista Charles

⁵ Também conhecido como o rock nacional, a sigla constitui a união das palavras Brasil e rock.

Gavin. *Esquema Noise* teve o vocalista dos Titãs, Nando Reis, como grande incentivador para a sua realização, uma vez que o músico havia ficado interessado no trabalho realizado pelo Mundo Livre S/A.

O álbum de estréia, *Samba Esquema Noise*, obteve mais sucesso junto à crítica musical do que nas vendas. No prêmio anual promovido pela revista *Bizz*, por exemplo, o grupo foi destaque na escolha da crítica nas seguintes categorias: “melhor disco nacional”, dividindo o primeiro lugar com os Raimundos e seguido por *Da Lama ao Caos*, do CSNZ; “melhor grupo nacional”, em segundo lugar, superado pelos Raimundos e tendo o CSNZ em terceiro; “melhor letrista”, com Fred Zero Quatro em primeiro lugar; Falcão, do grupo O Rappa, em segundo, e Chico Science em terceiro; e “revelação nacional”, novamente em primeiro lugar, com O Rappa em segundo e o grupo pernambucano Jorge Cabeleira em terceiro. (LIMA, 2007, p. 88).

O Mundo Livre S/A também foi contemplado com um segundo álbum, o *Guetando a Óia*⁶, lançado em 1996 pela *Excelente Discos*. O novo Selo substituiu a antiga *Banguela Records*, que havia sido vendida. Mas antes de se lançar no Movimento do *Manguebit*, os componentes da banda, que tinha Fred 04 no vocal, cavaquinho e guitarra; Chefe Tony, na bateria e voz; Bactéria, no teclado, guitarra e voz; Fábio Montenegro, no baixo; e Otto, na percussão, experimentaram adentrar no espaço do rock da década de 1980. Entretanto, a nova proposta apresentada pela banda, que chegou a unir a música de Jorge Ben Jor (*Fio Maravilha*) com o rock pós-punk da banda inglesa *The Smiths*, esbarrou-se na tendência que o Recife, assim como a maior parte das grandes cidades brasileiras, sofria no momento, com “febre” do *rock and roll* das bandas norte-americanas e britânicas. A metrópole ainda não estava preparada para presenciar o surgimento de uma “cena” revolucionária em sua estrutura.

Por outro lado, Francisco de Assis França, nome de batismo de Chico Science, esboçava suas primeiras participações com a banda *Orla Orbe*, criada em 1987, que já trazia consigo algumas das ideias que configurariam o posterior *Caranguejos com Cérebro*. Ao mesmo tempo, Science realizava um programa experimental paralelo, ao lado de Fred 04, Jorge dũ Peixe e Mabuse, que recebeu o nome de *Bom Tom Rádio*⁷. Um dos pontos refletidos pelo respectivo trabalho se pontuava na insatisfação dos quatro artistas, diante da “estereotipação” inserida às significações culturais recifenses e nordestinas.

Eles não se viam como nordestinos de novela, ingênuos, carolas e conformados nem cantando com o sotaque que atores das TVs do Sudeste inventavam para nós e tanto se popularizou a ponto de, num ato de esquizofrenia social, fazer o próprio nordestino acreditar que no Ceará se fala assim e que todo baiano é assado. (NETO, 2007, p. 99).

⁶ Expressão utilizada nas favelas do Recife, que designava o termo “levando a vida”.

⁷ O programa, que nunca chegou a ser lançado oficialmente, reunia gravações realizadas em um computador MSX, e depois eram registradas em fitas cassetes. As gravações foram importantes para o surgimento da música *A cidade*, presente no álbum *Da Lama ao Caos*.



Com o fim de *Orla Orbe*, que durou pouco mais de um ano, Chico Science engavetou seu segundo grupo musical: *Loustal*⁸. Naquele momento, a banda já era influenciada pelo hip hop, soul e funk, que se misturavam com o rock dos anos 1960. Contudo, o ano de 1991 deu uma verdadeira acelerada na carreira do poeta pernambucano, que conheceu o grupo afro do bairro dos Peixinhos, *Lamento Negro*, por intermédio de seu colega de trabalho da EMPREL, o Gilma “Bola Oito”, no qual ficou bastante admirado com o samba-reggae executado pelos integrantes da banda. A partir desse encontro, nasceu o *Nação Zumbi*. O grupo, que era comandado pelo próprio Science (vocais), Lúcio Maia (guitarrista e ex-componente do *Loustal*), Jorge dü Peixe (vocal e percussão), Alexandre Dengue (baixo e também ex-integrante do *Loustal*) e Gilmar Bola 8, Toca Ogan, Canhoto e Gira (percussão), obteve uma boa difusão nos festivais de música realizados em Recife, a exemplo do *Hollywood Rock*. Mas a visibilidade foi ainda maior quando o *Nação Zumbi* foi apresentado com um especial na *Music Television do Brasil* (MTV), em 1993. Durante os intervalos comerciais do mega-festival que reuniu as bandas *Nirvana*, *Simply Red*, *Alice In Chains* e *L7*, Chico Science e seus parceiros tiveram a oportunidade de divulgar o novo Movimento, que estava sendo firmado, aos poucos, na capital pernambucana. O sucesso imediato da transmissão foi presenciado nos principais jornais de circulação do país, no qual permitiu que o Presidente da Sony Music do Brasil, Roberto Augusto, viajasse até Pernambuco, em agosto de 1993, para assinar contrato com *Chico Science & Nação Zumbi*, novo nome adotado pela própria gravadora, a fim de que gravassem o primeiro álbum – *Da Lama ao Caos*⁹. Produzido pelo renomado produtor Liminha, que vinha desenvolvendo trabalhos junto ao rock desde a década de 1960, o disco foi lançado em 1994, vendendo 30 mil cópias. (NETO *apud* TELES, 2000).

Dessa forma, *Chico Science & Nação Zumbi* obteve ainda grande destaque na MTV, possibilitando que o Manifesto do caranguejo fosse ao encontro de outros jovens, em sua maior parte provenientes das periferias urbanas do país, caso estivessem interessados no cenário *underground* do movimento. Foi nesse contexto que a composição *A Cidade*, lançada em clipe pela própria MTV, conquistou abrangência notória em todo o Brasil. Mas os canais abertos de televisão também contribuíram significativamente para a divulgação do grupo na grande mídia. A banda teve a música *A Praia* estampada na novela da Rede Globo, *Tropicaliente*, entre 1993 e 1994. A canção foi ao ar antes mesmo do lançamento do disco *Da Lama Ao Caos*, e atendeu à proposta firmada pela novela de unir elementos característicos da Região Nordeste, já que a mesma foi gravada no litoral cearense.

O Movimento do *Manguebit* só não obteve êxito nas principais rádios de Recife e do país, uma vez que o produto disseminado por Chico Science, Fred 04 e demais mangueboys, não se enquadrava nos moldes da indústria cultural, ou seja, não tinha um caráter comercial. A única saída seriam as gravadoras destinarem um investimento financeiro nesse departamento de comunicação, caso que não foi verificado.

Somente em 1995, quando os grupos já haviam se estabilizado, realizando shows nacionais e internacionais, surgiu o programa radiofônico *Mangue Beat*, que incluía canções dos grupos pernambucanos e músicas do repertório

⁸ A intitulação era uma homenagem feita pelo cantor Pernambuco ao artista quadrinista francês, Jacques Loustal.

⁹ Na época, o jornal inglês *The New York Times* classificou o disco como um dos melhores até aquele presente momento, ao mesmo tempo em que definiram o *Manguebit* como o movimento mais significativo desde a Tropicália.



internacional que tinham afinidades sonoras com a cena. O programa era diário e foi veiculado pela Caetés FM, do Recife, das 20h às 21h, até 1998. Com a popularização da internet comercial, a web-rádio Manguetronic (www.manguetronic.com.br), já desativada, também veiculou canções ligadas aos grupos. (LIMA, 2007, pp. 92-93).

Em 1995, o grupo alcançou amplo sucesso internacional com sua primeira turnê, que esteve presente em diversos países da Europa, além dos Estados Unidos. Intitulada de *From Mud to Chãos*, que traduzindo para o português significa *Da Lama ao Caos*, a turnê chegou à Suíça, através do *Festival de Montreux*, como também perpassou pela Holanda, Bélgica (*Festival Sfinks*) e Alemanha – em 1995. Já nos Estados Unidos, foram quatro apresentações, incluindo o *Summer Stage Festival no Central Park*, em Nova York, no qual realizaram shows ao lado de Gilberto Gil. Um ano após, Chico Science & Nação Zumbi divulgava seu mais novo álbum, o *Afrociberdelia*¹⁰, em uma nova turnê pelos Estados Unidos, participando do *Brazilian Music Festival*, no bairro do *Brooklyn*, em Nova Iorque, ao lado de Mundo Livre S/A e da Banda de Pifanos de Caruaru. Na Europa, o grupo aterrissou em sete países, durante os treze dias que estiveram naquele continente. Um dos momentos mais marcantes dessa viagem foram as seis apresentações que a banda realizou ao lado dos Paralamas do Sucesso, como, por exemplo, o *Forrest Glacê* (Áustria), considerado um dos principais festivais do verão europeu.

Nas telas cinematográficas, além das produções *O Rap do Pequeno Príncipe Contra As Almas Sebosas*, *Amarelo Manga*¹¹, *Árido Movie*, e *Cinema Aspirinas e Urubus*, o *Manguebit* estampou canções na trilha sonora do Filme *Baile Perfumado* (1997), de Lírio Ferreira e Paulo Caldas. O longa-metragem traz uma perspectiva pós-moderna, quando Virgulino Ferreira (Lampião), embora cruel e sanguinário com seus opositores, torna-se o “pai” do sertanejo nordestino. O chefe do cangaço lutava contra o coronelismo que havia sido firmado no país, desde os tempos de Monarquia, ao mesmo tempo em que a fome e a miséria andavam de mãos dadas com as relações sociais do campo e da cidade – a cidade do Recife é palco de uma recriação que se fundamenta num passado histórico de lutas, resistência e medo. O filme tem como proposta unir alguns dos elementos que se apresentam concomitantemente na música e no cinema, através uma relação mútua e estética de imagem e sonoridade. Neto (2007, p. 51) afirma que:

O enredo de *Baile Perfumado* trata das filmagens do grupo de Lampião: o cineasta libanês Benjamin Abrahão, homem de confiança do Padre Cícero até o dia da morte do religioso, parte de Juazeiro e vai filmar o rei do cangaço e seu bando. Rabeca, uísque e perfumes importados compõem este roteiro inusitado. A junção *Lampião-Vênus-Foguetes* cria um clima que, usando um ritmo tipicamente pernambucano, detona os passadismos e “afrociberdeliza” a nossa história: “Seu Doutor não lhe dou ouvido / minha cabeça tá cheia de ideias / O “perfume” que eu uso / Não é como o seu / Sai daqui da minha

¹⁰ Gilmara (2006, p. 8) afirma que *Afrociberdelia* é uma palavra criada pelo ex-cartunista de jornais pernambucanos, Paulo Santos. A palavra é um híbrido de África, como raiz cultural, cibernética, representando os elementos digitais-eletrônicos e a psicodelia, relativo à mente, aumento de percepção.

¹¹ Lançado no dia 08/08/2003 pelo diretor Cláudio de Assis, o longa-metragem expressa a total exclusão social vivenciada na cidade do Recife, através de personagens marginalizados que gritam, como em “unísono”, por um socorro.

terra / Vou-me embora / Vou andando / Não posso demorar / Eu to indo pra Vênus / Encontrar Maria / Não posso me atrasar / Meu foguete / Já tá chegando / É melhor sair daí / Vai soltar raio laser / Prá alumiar / As terras do Cariri”. (Chico Science e Lúcio Maia, *Angicos*).

Além da música *Angicos*, o filme contou ainda com a participação de *Sangue de Bairro Intro* – com vinheta do filme (Chico Science & Nação Zumbi), *Baile Perfumado* (Stela Campos e Fred Zero Quatro), *Tenete Lindalvo – Compromisso de Morte* (Fred Zero Quatro), *Sangue de Bairro – Instrumental* (Nação Zumbi), *Salustiano Song – Instrumental* (Nação Zumbi). Outros artistas que aderiram ao *Manguebit* também estamparam suas composições, como é o caso de Mestre Ambrósio nas canções *Baile Catingoso* e *Benjaab*, ambas de sua própria autoria.

O *Manguebit* também influenciou diretamente a trilha sonora do filme *Enjaulado*, de Kléber Mendonça Filho, e resultou no álbum *Enjaulado – Música para ouvir trancado* (1997), que contou com a participação de vários intérpretes. O trabalho faz menção direta à “cena” cultural instaurada em Recife, tendo como enfoque a riqueza dos próprios manguezais.

Na trilha de *Enjaulado*, encontra-se desde o hardcore sexualmente obcecado no Matalanamão ao mix de samba, maracatu e jungle de Otto. Ao contrário da Bahia, Recife não deseja se prender a uma batida. De monocultura, já basta a da cana-de-açúcar, raiz de tantas das nossas desgraças. (NETO, 2007, p. 70).

Segundo Neto (2007), no que diz respeito à moda, o movimento ganhou destaque nas mãos do Estilista Eduardo Ferreira, que explorou as tendências, sobretudo até 1998, dos Movimentos Brasileiros – *Regionalismo*, *Modernismo*, *Armorial*, *Tropicália* e *Mangue* –; da Influência Moura na Cultura Popular; e do Mangue Fashion – unindo religiosidade e festas nordestinas. Na arte da dança, o *Grupo Experimental* representou o *Manguebit* no cenário de Recife, através do espetáculo *Zambo*, sob a perspectiva da conquista e dos ideais dos jovens recifenses. A referida peça realizava uma ponte com as atitudes de outros espaços juvenis fora do Brasil. No quesito fotografia, Roberta Guimarães, Fred Jordão e Breno Laprovítera tiveram importância significativa nesse processo. No teatro, merece menção o livro *Pata Aqui, Pata Acolá*, que foi adaptada à condição de peça teatral pelo *poeta*, dramaturgo e produtor cultural, Sidney Cruz, e dirigida por José Manuel.

Entretanto, o dia 02 de fevereiro de 1997 (Domingo) foi marcado pela morte do “pai” do *Manguebit*. Ao descer, em alta velocidade, do viaduto que liga as cidades de Recife e Olinda, por trás do shopping Tacaruna, Chico Science, que dirigia um Fiat Uno, bateu fortemente contra um poste e a cerca do Hospital Memorial Arcoverde. O músico foi socorrido pelo soldado da polícia militar, Marcos Ramos do Nascimento, que, ao passar em um ônibus próximo dali, escutou a batida. O traumatismo craniano, seguido de duas costelas quebradas, pulmão direito perfurado múltiplas fraturas nos ossos da face, levaram Chico a óbito. O enterro foi realizado no cemitério de Santo Amaro, e reuniu familiares, amigos, políticos, autoridades e artistas, a exemplo do Governador de Pernambuco, Miguel Arraes, e da Presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão em Pernambuco (SATED), a atriz Ivonete Melo. A morte de Science, que coincidiu próximo ao carnaval daquele ano, foi marcada pelas eternas lembranças daquele que revolucionou a cultura



pernambucana dos anos 1990, assim como concedeu “voz” aos excluídos de uma sociedade marcada pela hierarquização, soberania e relações econômicas.

Na época do acidente, o Movimento Mangue estava a todo vapor. 1997 seria o ano da “explosão do Manguebeat”: a criação de uma fundação cultural no Recife, o *Antromangue*, planos de uma novela na internet, chamada *Os 12 Caranguejos do Apocalipse*: o personagem principal da novela era um líder que combatia a massificação cultural e pesquisava a expansão química da mente. Ainda nos planos, a trilha sonora para o filme de Kátia Mesel *Recife de Dentro para Fora*, baseado em textos do poeta recifense João Cabral de Melo Neto. (NETO, 2007, p. 60).

Sem Chico Science à frente dos vocais, o *Nação Zumbi* continuou a levar a mensagem do manifesto recifense pelos palcos do Brasil. Seis meses após o falecimento do pai do *Manguebit*, o grupo lançou, em 1998, o álbum duplo CNSZ. O terceiro disco da carreira dos músicos de Pernambuco trouxe quatro composições inéditas do próprio Science, incluindo cinco faixas gravadas durante a apresentação do *Abril Pro Rock*¹² (APR), em 1996. O trabalho não tinha um vocalista titular, e contou com a parceria em conjunto dos percussionistas Gilmar Bola 8, Jorge dü Peixe e Toca Organ nos vocais. Após um ano e três meses sem subir aos palcos, o *Nação Zumbi* realizou seu primeiro show sem Chico, que aconteceu na cidade de Santos (SP). Em 1999, a banda se apresentou no Festival *Rec Beat*, durante o carnaval do Recife, ocasião em que o público reviveu os principais sucessos do ex-vocalista pernambucano, ao mesmo tempo em que conhecia a nova roupagem do *Nação Zumbi*, que passou a adotar um estilo mais pesado em suas apresentações. O quarto disco da banda – *Rádio S.Amb.A*¹³, por sua vez, traz a consolidação do percussionista Jorge dü Peixe nos vocais da banda. Lançado em 2000, o novo CD contempla um total de 17 faixas musicais, e tem como música de trabalho *Quando a maré encher*, do grupo Eddie. Dois anos após, o grupo lançou o álbum *Nação Zumbi*, que agora tinha o contrato da gravadora *Trama*, já que os últimos trabalhos haviam sido divulgados pela *YB Music* e *Chaos/Sony Music*. O quinto disco trouxe composições apropriadas para a voz de “dü Peixe”, que teve grande participação como autor e coautor do disco. *Nação Zumbi*, que traz sucessos como *Blunt of Judah*, *Meu Maracatu Pesa Uma Tonelada* e *Mormaço*, vivencia concepções da era Chico.

As letras seguem o esquema de pós- modelo de *colagem* de frases, às vezes desconexas, como em *Mormaço*, todas costuradas pela marcação grandiloquente dos tambores que lembram fanfarras. O ritmo africano também impõe aos ouvintes um comportamento mais físico e espiritual do que racional: *Propaganda* é pura contracultura; nos dias de hoje, uma crítica pop ao consumismo pop. (NETO, 2007, p. 127).

¹² Surgido em 1993, o referido evento de rock surgiu em Recife no mesmo período em que Chico Science & Nação Zumbi, Mundo Livre S/A e outras bandas, eclodiam com o movimento do *Manguebit*. Dessa forma, o *Abril Pro Rock* serviu de alicerce para difundir a nova cena que se instaurava na capital pernambucana.

¹³ Abreviação de *Serviço Ambulante de Afroiberdelia*.



Tendo em vista a importância e o legado deixado por Chico Science, o túnel que fica próximo ao Sport Club do Recife, além de uma Avenida da cidade de Olinda, receberam o nome do artista. Inicialmente, o vereador Pedro Mendes (PSDB-PE) havia enviado ao Governador Miguel Arraes uma proposta para que o Centro de Convenções (Olinda), a Casa da Cultura (Recife) ou o Hospital Memorial Arcoverde (Olinda) recebessem o nome de Chico Science, em homenagem póstuma.

No próprio âmbito da música, o poeta recebeu tributo fora do país, como aconteceu na cidade de Berlin (Alemanha), em 1999. Demonstrando a influência recebida pelo *Manguebit*, principalmente no tocante ao próprio Chico, os germânicos realizaram a apresentação do *Maracatu Girafinha*, um grupo formado pelos mesmos, em 1995.

O *Manguebit* teve uma significativa contribuição ainda para o surgimento de outros grupos musicais. Cordel do Fogo Encantado, Supersoniques, Sistema X, Jorge Cabeleira e Sheik Tosado são bons exemplos a serem mencionados. Mas uma das grandes surpresas se concentra na figura de Lenine, um cantor que, embora não seja produto deste movimento, teve um maior reconhecimento após a explosão da cena recifense pelo mundo afora. Além de ter revelado sua simpatia e apreço por Science, o cantor sempre reconheceu a importância da *Movimentação* proposta pelo som do mangue, já que ele não entendia que o *Manguebit* fosse apenas um mero *Movimento*. (NETO, 2007).

Em 2004, o disco *Nadadenovo* da banda Mombojó foi bem recebido pela classe jovem do Recife. Tendo a sua frente Felipe (vocal), Samuel (baixo), Vicente Machado (bateria), Rafa (flauta), Chiquinho (teclado e sampler) e Marcelo Campelo (cavaquinho, violão e escaleta), o grupo atingiu uma boa repercussão em todo o país, tendo em vista que o CD foi encartado na revista *Outra Coisa*, sob direção do cantor Lobão, e alcançou a venda de 22 mil exemplares. Por outro lado, a banda rap recifense *Faces do Subúrbio* trouxe no álbum *Perito em rima* (2004) novas perspectivas harmônicas para o rappers tradicionalistas. As treze faixas que compõem o disco, além de unirem o próprio rap, hard rock, som clássico do piano e guitarras ao estilo meio psicodélico, trazem consigo pontos que contemplam diversos questionamentos, como o linguajar utilizado em Recife; a autenticidade e a originalidade do trabalho desenvolvido pelo próprio grupo; a luta do herói religioso, que tenta escapar das barreiras presentes na cidade grande e marginalizada; além de outros elementos. Já a banda *Nação Zumbi*, no dia 14 de outubro de 2005, lança mais uma produção: *Futura*.

O engenheiro Scott Hard, que já fora responsável por clássicos do *hip hop*, somou-se ao caldeirão de idéias novas da *Nação*: frevo, Roberto Carlos, *jazz*, *sci-fi*, baião, blues psicodélico, batida africana, ciranda, cowboy italiano, metal progressivo, latinidade, (congas, etc.), *game-surf* beat e uma voz de robô (*vocoder*) o tempo inteiro, vão levando o ouvinte a deslizar numa onda futurista. É o sexto disco do grupo e o terceiro sem Science. É como o fim de uma segunda trilogia. É o *mangue* que está vivo e em metamorfose. (NETO, 2007, p. 139).

O *Nação Zumbi* lançou ainda os álbuns *Propaganda ao vivo* (2006) – que rendeu o primeiro DVD do grupo –, sendo o último trabalho realizado pela gravadora Trama; *Fome de tudo* (2007), pela gravadora Deckdisc; e o mais recente *Ao vivo no Recife* (2012), trabalho que comemora 15 anos de carreira do *Nação Zumbi*, sem Chico Science, e resultou na gravação do 9º CD e 2º DVD da banda –



composto por 15 faixas. A gravação, que aconteceu em 2009, no Recife Antigo (Marco Zero), recebeu as participações especiais de *Fred 04* (Mundo Livre S/A), *Paralamas do Sucesso*, *Arnaldo Antunes* e *Siba e a Fuloresta*, além de ter relembrado grandes sucessos da era Chico, como *Maracatu Atômico*, *Rios Pontes e Overdrives* e *Antenese*.

Além do *Nação Zumbi*, Fred 04 e demais seguidores da cena mangue continuaram a produzir trabalhos, embora muitas vezes com algumas dificuldades. *Mundo Livre S/A* lançou, em setembro de 2005, a produção independente *Bebadogroove*, que vendeu aproximadamente 2500 cópias até maio de 2006. Diferentemente de *O outro mundo de Manuela Rosário* (2004), *Por Pouco* (2000), *Carnaval na Obra* (1998), *Guentando a Ôia* (1996) e *Samba Esquema Noise* (1994), o novo CD era vendido exclusivamente nas próprias casas de shows ou locais de apresentação da banda, ao invés de ser comercializado nas lojas de discos e LP's. *Mundo Livre S/A* estampou também as músicas *Marcha contra o rumo do império* e *CNFS comunicado 2* na coletânea alemã *Mestizo Music-Rebellion en América Latina* (2006). Merecem destaques ainda os lançamentos dos álbuns *Sonic Mocambo – Banda Eddie* (1998); *Nada de Novo* (2004) e *Homem-Espuma* (2006), 1º e 2º discos do grupo Mombojó, respectivamente; entre outros.

Na televisão, a influência cultural deixada por Chico Science pôde ser verificada no programa da rede *Globo Central da Periferia*, que foi ao ar no dia 06/04/2006. Comandado pela apresentadora Regina Casé, o quadro daquele dia trouxe a participação de *Silvério Pessoa*, *Maracatu A Cabralada*, *Re:combo*, *Faces do Subúrbio*, *Vício Louco*, *Michelle Melo*, *DJ Dolores* e *Siba e Barachinha*, trazendo o maracatu rural. Além desta edição, o programa teve como principal objetivo fazer uma ponte entre a arte, presente nos principais centros periféricos do país, e a política vivenciada nestes mesmos espaços sociais. A ebulição cultural proferida pelos artistas-filhos das favelas chamou a atenção do diretor Guel Arraes, que juntamente com o antropólogo Hermano Vianna, realizou o *Central da Periferia* (NETO, 2007).

No período pós-Science¹⁴, os festivais de música de Pernambuco foram fortificados e receberam uma roupagem cultural mais diversificada. Tal fato é verificado no *Rec Beat 2000*, maior evento de rock já realizado no Recife até aquela dada ocasião, superando até mesmo as expectativas do próprio *Abril Pro Rock*. Entre os dias 01 e 07/03/2000, trinta e três atrações deixaram sua contribuição no Recife Antigo, incluindo sucessos de renome nacional como Ira (banda paulista). Durante oito dias de festival, o público de plantão acompanhou desde a herança do folclore pernambucano, até a irreverência do *Manguebit*, através das apresentações de *Lia de Itamaracá*, *Stela Campos*, *Mundo Livre S/A*, *Faces do Subúrbio*, *DJ Dolores*, *Los Canalias Insensibles*, *Via Sat*, *Encontro de Mestres*, *Matalanamão*, *Naná Vasconcelos*, *Ortinho*, *Dona Margarida Pereira* e *Os Fulanos*, *Textículos de Mary*, *Cordel do Fogo Encantado*, entre outros. Já *Darué Malungo*, *Nação Eré* e o bloco *Eu Acho é Pouquinho* fizeram parte do chamado *Rec Bitinho*, e contagiaram as crianças presentes. Se por um lado o *Rec Beat 2000* foi considerado um sucesso, por outro lado o *Abril Pro Rock* daquele mesmo ano, realizado entre os dias 7 e 9 de abril, no Centro de Convenções, em Olinda, foi alvo de muitas críticas, tendo em vista a má organização em alguns setores do próprio evento, como também a discussão e desavença presenciada entre os empresários do *Rec Beat* (Gutie) e do *Abril Pro Rock* (Paulo André).

¹⁴ Fase após a morte de Chico Science.



O carnaval (2006) do Recife mostrou novamente toda sua efervescência cultural, quando fundiu cultura regional com outros lugares além de Pernambuco. Cantores consagrados como *Caetano Veloso*, *Lenine*, *Zélia Ducan* e *Gabriel O Pensador*, uniram-se ao universo dos novos artistas locais. A banda paulista *Pavilhão 9* também se fez presente na festa carnavalesca daquele ano, ao mesmo tempo em que o grupo de samba-de-coco em Iatê¹⁵ e Português, *Toré de Fethxá*, o alagoano *Sonic Jr.*, responsável por executar música eletrônica, e o conjunto paulista *Mawacca*, que realizou uma miscelânea entre as músicas nordestina, búlgara, indiana, africana e etc, divulgavam seus respectivos trabalhos nas diversas atrações multiculturais daquela festa.

Além de trazer um grupo argentino de tangos e milongas – Yunta Taura – e o sambista baiano Riachão, o Rec Beat ainda mostrou o poeta Miró, com um recital de quatro poemas, que a platéia aplaudiu vibrando; Edgar Scandurra, com o seu a.k.a Benzina; e ainda a banda Marcial da Escola Vila Sésamo (!), além de uma mistura que deu o que falar: Eddie com Mundo Livre s/a. Na mesma embalada vieram Siba e a Fuloresta com os Poetas da Mata Norte. E o grupo “Barbis” trouxe um toque *gay* ao evento. (NETO, 2007, p. 141).

Atualmente, o *Manguebit* tem fundamental importância na eclosão de projetos e movimentos de ação social de todo o país. Em Recife, por exemplo, a Associação Comunitária, Cultural de Direitos Humanos e Cidadania - ACORDA POVO, fundada pelas bandas Nação Zumbi e Devotos do Povo, em 01/05/1997, surgiu com o propósito de promover a disseminação cultural das populações carentes do município, através da consonância estabelecida entre música e participação popular. Para tanto, o projeto, que ainda conta com as oficinas de pintura, desenho, fotografia, dança e etc, tem como principais objetivos promover a paz, a cidadania, a ética, a democracia, os direitos humanos, como também a realização de estudos, desenvolvimento de pesquisas alternativas, entre outros atributos.

Em sua primeira fase (que durou de outubro de 1999 a abril de 2000) o “Acorda Povo” cobriu 12 bairros populares da capital pernambucana em eventos realizados quinzenalmente. Em cada um desses bairros, os dois grupos organizadores eram acompanhados por uma banda convidada, escolhida entre as que mais se destacaram na cena recifense, e por um grupo da comunidade na realização de um grande concerto. Aconteciam também debates envolvendo músicos dos grupos, os responsáveis pela coordenação musical e os membros da comunidade. Além disso, os moradores do local tinham acesso a oficinas de moda, reciclagem e grafite, que eram oferecidas nas escolas públicas do próprio bairro. A primeira manifestação teve sucesso contando com a participação de mais de 3000 pessoas. Os eventos festivos aconteceram sem nenhum incidente contando com a participação de crianças, jovens e adultos, e as oficinas de arte se transformaram numa ponte para futuras ações de integração profissional. (TESSER, 2007, p. 77).

¹⁵ Linguagem utilizada pelos índios pernambucanos fulni-ô.

Nos anos posteriores, os eventos culturais do estado Pernambuco, principalmente aqueles ligados à cidade do Recife, continuaram enxergando a importância de uma divulgação mais abrangente das tradições culturais locais, uma vez que as mesmas haviam caído no esquecimento da população até o início dos anos 1990. Atualmente, o carnaval multicultural da capital pernambucana e de Olinda tem apresentações de Frevo, Maracatu, Ciranda, Caboclinho, Coco-de-Roda, entre outros ritmos musicais. Por esta razão, o movimento do *Manguebit* não só reacendeu a lâmpada da literatura popular local, como também levou o Caboclo de Lança do Maracatu Rural ao mundo inteiro.

Diante dessa perspectiva, o produtor de Chico Science & Nação Zumbi, Paulo André, explica no vídeo-documentário *Teaser Mangue* que, desde a geração de 1970, época em que os festivais de música revelavam artistas como Geraldo Azevedo, Alceu Valença e Lula Cortês, Pernambuco havia perdido a referência de um artista local, projetado em âmbitos nacional e internacional, a exemplo de Chico Science. Se por um lado o poeta pernambucano revolucionou a música nacional da década de 1990, e ainda continua influenciando a estética musical de bandas nascidas no século XXI, por outro lado, ele propiciou que os “atores” excluídos por uma “elite” levassem ao país inteiro o anseio de reivindicação, mudança e renovação no quadro político vigente, assim como lutassem contra as desigualdades sociais.

2.1 Chico Science: ecos e bits de uma inovação estética musical

Mesmo 15 anos após a morte daquele revolucionou a Música Brasileira dos anos 1990, o *Manguebit* e o legado proposto por Chico Science continuam influenciado substancialmente projeção musical brasileira, ou seja, aquelas que estejam interessadas em manter vivas as tradições culturais que marcaram a história do Brasil, estabelecendo ainda um paralelo, desse processo, com as tecnologias globalizadas. Novos atores surgem a todo instante na música, carregando consigo direta ou/e indiretamente elementos postos em evidência pela cena recifense. Diante desse contexto, as músicas geradas na era Science, no que diz respeito as que fazem parte dos álbuns *Da Lama ao Caos* e *Afrociberdelia*, serão referenciadas como objetos de análise, uma vez que elas explicitam de maneira coerente e relevante os principais acontecimentos que tomavam conta da cidade do Recife, no decorrer da década de 1990. Não desmerecendo o trabalho produzido por Fred 04, que além de ter sido um dos fomentadores do primeiro manifesto do Manguebeat, através do release *Caranguejos com Cérebro*, em 1991, contribui significativamente, até hoje, com novos projetos e atividades pautadas na valorização da cultura regional. Mas Chico desenvolveu um trabalho que vem sendo estudado e reconhecido, cada vez mais, em Instituições de Ensino Superior de todo o mundo. Science trouxe uma nova perspectiva à música da década de 1990, pois o Brasil não acompanhava o surgimento de uma “efervescência cultural” desde o Movimento da Tropicália, no final dos anos 1960. Os assuntos tratados por *Chico Science & Nação Zumbi* – caranguejo, molambo, lama, urubu, siri, palafita, mocambo e etc – não faziam parte do “dicionário” da sociedade burguesa recifense da época, principalmente no âmbito da juventude. Encarar esse público e também despertar o anseio de novas perspectivas socioculturais e políticas, tendo em vista que a maior parte dos jovens brasileiros estava interessada em ouvir bandas de rock americanas e outros artistas que não apontavam as “anomalias” da própria realidade em que eles viviam, foi uma tarefa muito bem efetuada por todo o grupo.



Dessa forma, o estudo sobre a produção musical de Chico Science e Nação Zumbi, neste capítulo, é fundamentado na perspectiva de que o poeta pernambucano, melhor do que ninguém, esteve a par da problemática que assolava os manguezais do Recife. Por outro lado, Chico foi irreverente e inovador ao misturar diversos elementos da música afro-brasileira, afro-inglesa (afro-atlânticos), sem, no entanto, ter o objetivo ou a ideia de construir um novo vetor para a música, pois cada gênero utilizado nas composições de *Chico Science & Nação Zumbi* tinha um papel fundamental no quesito melódico.

O som de CSNZ não era uma fusão: preservava-se a identidade de cada gênero canibalizado, sem eles se diluísem. Havia sempre mais de um ritmo acontecendo ao mesmo tempo, mas eles nunca convergiam rumo a uma síntese. As referências aos diversos gêneros se sucediam umas às outras em velocidade frenética, justapostas de maneira inesperada. (AVELAR, 2011, p. 3).

A mesclagem existente entre cultura regional, música internacional, inovações tecnológicas e problemas socioculturais e políticos, refletem bem as composições que marcam a produção dos álbuns *Da Lama ao Caos* e *Afrociberdelia*, que tiveram a contribuição significativa e o olhar diferenciado de Science, que por sua vez pegou emprestado e soube incorporar a figura do Caboclo de Lança do Maracatu, ao mesmo tempo em que rompeu com as barreiras melódicas entre vocais e música. Ou seja, enquanto a voz de Chico entoava um canto próprio, os instrumentos realizavam pontes distintas com outros gêneros musicais.

O uso de elementos do maracatu e de outros gêneros e ritmos nordestinos na canção popular não é exclusividade de CSNZ. Desde os anos 1970, vários compositores vêm fazendo experiências. Mas, foi só no decorrer da década de 1990 que o cantor e compositor Chico Science e os músicos da Nação Zumbi se destacaram pela qualidade dessas misturas, tendo sido reconhecidos no Brasil e no exterior. (VARGAS, 2008, p. 6).

Fazendo uma síntese de cada álbum, percebemos que *Da Lama ao Caos* (1994), considerado o ponto de partida para o sucesso de Chico Science & Nação Zumbi no Brasil e no mundo, provocou curiosidade e dúvida na maior parte dos ouvintes, que não compreendiam como era possível promover a fusão entre os elementos característicos da identidade regional, com o rap e o hip hop norte-americanos. As referências com personagens da cultura popular são encontradas em muitas composições do 1º álbum do grupo, assim como nos títulos das mesmas. Além das faixas *Coco Dub* e *Samba Makossa*, *Salustiano Song* é uma alusão ao rabequeiro pernambucano Manoel Salustiano Salu¹⁶, popularmente conhecido como Mestre Salu. Uma das principais características de *Da Lama ao Caos* está na ausência da bateria, que cede lugar para os tambores do Maracatu de Baque Virado. O

¹⁶ Considerado o mestre do Maracatu de Baque Solto Piaba de Ouro, da Zona da Mata de Pernambuco, ele é considerado um dos maiores músicos de *Rabeca* no Brasil inteiro, tanto na fabricação do instrumento como na execução do mesmo.



processo de *hibridização* de instrumentos como gonguê, ganzá, berimbau e alfaia, vai ao encontro do baixo e da guitarra elétrica, que trazem as tendências do rock britânico e norte-americano.

O próprio rock, representado nas canções do grupo pelo timbre da guitarra e pelo baixo, é refuncionalizado a partir da percussão, sobretudo pela síncope utilizada no maracatu e que não existe, na mesma conformação, no rock. Não se trata de simplesmente utilizar os tambores, mas também alterar os padrões da música aqui colocada como moderna. (VARGAS, 2008, p. 8).

Em 1996, *Afrociberdelia* revelou um amadurecimento significativo que Science e Nação Zumbi obtiveram em sua produção, o que fortificou ainda mais os laços existentes entre o poeta pernambucano e a cultura africana. As batidas do candomblé, juntamente com a influência dos músicos *Fela Kuti* e *Manu Dibango*, mostraram o peso que a “África” obteve no novo disco. Verificou-se ainda a consolidação das marcações e batidas nas composições, frente à sucessão de sons musicais combinados (melodia). A influência da ciência da comunicação e do controle, através da cibernética, foi um componente importante no processo de aperfeiçoamento das músicas e da mensagem do grupo, em geral. O novo álbum contou a participação do rock inglês dos anos 1960, do funk intergaláctico americano, vivenciado na primeira metade da década de 1970, e do dub jamaicano.

A leitura de livros, as diversas viagens realizadas, a preocupação de acompanhar os trabalhos executados por artistas dos mais variados gêneros musicais e o interesse de produzir um disco que tivesse uma maior caracterização de Chico e do trabalho executado pelo grupo, foram fatores que contribuíram substancialmente na produção de *Afrociberdelia*, que permitiu uma maior dinamização da percussão, executada pelos tambores de maracatu, e das composições em geral. Mas a grande novidade do segundo álbum do grupo está na presença da “bateria” nas canções *O Cidadão do Mundo* e *Corpo de Lama*. Embora o novo instrumentado tenha sido adotado pela banda, os tambores ainda comandavam as batidas de Maracatu. Além de *Maracatu Atômico* na versão original, *Afrociberdelia* traz ainda três outras versões desta música em caráter *remix*. A ideia partiu da gravadora *Sony Music*, que não solicitou a autorização de Science para a inclusão das faixas no disco. Tal iniciativa provocou um descontentamento por parte do músico. Talvez, esse foi o único descontentamento de Chico em relação ao novo disco. A partir do exposto, o presente trabalho reuniu 10 composições de Chico Science & Nação Zumbi, que estão divididas entre os álbuns *Da Lama ao Caos* e *Afrociberdelia*. Do primeiro disco, foram analisadas as músicas *A cidade*, *Da Lama ao Caos*, *Rios*, *Pontes* e *Overdrives* e *Computadores Fazem Arte*. Do segundo disco, foram tomadas como objetos de estudo as canções *Manguetown*, *Mateus Enter*, *Maracatu Atômico* e *Macô*.

2.2 Da Lama ao Caos: Chico Science & Nação Zumbi balançam as estruturas

2.2.1 A Cidade

Um dos primeiros sucessos de *Chico Science & Nação Zumbi* é a música *A Cidade*. O ouvinte é levado a refletir sobre os problemas sociais gerados pelo processo de globalização. O estilo de vida



burguesa implantado nos grandes centros urbanos favorece o aumento da disparidade econômica entre ricos e pobres, apresentando-se diante da hierarquia estabelecida nestes espaços. Através disso, as metrópoles sofrem o chamado inchaço urbano desordenado, através da explosão demográfica, que, por sua vez, acompanha o aumento vertiginoso do número de automóveis, coletivos, camelôs, motos, metrô, trabalhadores, patrões e policiais, sendo estes elementos descritos na própria canção. *A Cidade* transmite a ideia de uma sociedade alienada, que está acostumada com o andar da carruagem de uma política enraizada.

Por outro lado, a música aponta para uma perspectiva de imigração, a partir do momento em que cidadãos de outras nacionalidades pairam nas grandes cidades brasileiras, em busca de “melhores” condições de vida. A chegada destes estrangeiros é interpretada como uma ameaça, já que, na maior parte das vezes, eles vêm em busca dos recursos e mão de obras locais. Perante os referidos aspectos, Chico Science propõe a construção de uma embolada, samba e maracatu que possam enfrentar a dura realidade do município do Recife, cenário idealizado pelo músico para compor *A Cidade*. A crítica, seguida de rima, é um componente constantemente vivenciado nas composições de *Chico Science & Nação Zumbi*, uma vez que esta é uma característica presente no rap norte-americano. Além da forte presença da percussão, a música é revestida pelo som da guitarra elétrica e do *rock and roll*, o que gera no ouvinte a concepção de crescimento e velocidade que circundam as grandes cidades.

2.2.2 Da Lama ao Caos

A música *Da Lama ao Caos*, que também intitula o primeiro álbum de *Chico Science & Nação Zumbi*, aponta para um problema recorrente nas grandes cidades: a má distribuição de renda entre os diversos setores da sociedade. Em Recife, a situação não era diferente no início dos anos 1990, uma vez que a metrópole enfrentava, naquele período, um dos piores indicadores socioeconômicos do Brasil. Assim sendo, Chico Science toma como objetos de análise os mangues, locais onde concentravam a maior parte da miséria e da pobreza na capital pernambucana. A total falta de perspectiva de vida nestes espaços acabava não só levando os moradores ao desespero, como também os próprios animais. Naquele contexto histórico, a sociedade enxergava – e ainda enxerga – os “organismos vivos” destes manguezais como sendo verdadeiros marginais, o que acarretava e acarreta numa total exclusão social dos atores envolvidos. É por esta razão que Science ironiza a tentativa de fuga dos mesmos para além dos manguezais: “O sol queimou, queimou a lama do rio / Eu ví um chié andando devagar / E um aratu pra lá e pra cá / E um carangueijo andando pro sul / Saiu do manguê, virou gabiru”.

Em outro determinado momento, a canção apresenta a tentativa desesperada do molambo¹⁷ pela sobrevivência. Sem dinheiro, emprego e qualquer renda financeira, ele vai até a feira livre roubar alimentos, para tentar suprir sua carência alimentar. Chico brinca com um jogo de palavras e até lança um duplo sentido: “Peguei um baláio, fui na feira roubar tomate e cebola / Ia passando uma véia, pegou a minha cenoura / “Aí minha véia, deixa a cenoura aqui / Com a barriga vazia não consigo dormir” / E com o bucho mais cheio comecei a pensar / Que eu me organizando posso

¹⁷ Palavra utilizada para caracterizar pessoa pobre, esfarrapada, mal vestida, desleixada, apática, entre outras denominações.

desorganizar / Que eu desorganizando posso me organizar / Que eu me organizando posso desorganizar.

Misturado ao gonguê, ao tarol e aos bumbos, o som pesado da guitarra elétrica, presente no *heavy metal*, chama à atenção do ouvinte, já que *Da Lama ao Caos* constitui o cartão postal de Chico Science & Nação Zumbi para divulgar o Movimento do Manguebeat por todo o país.

2.2.3 Rios, Pontes e Overdrives

A música *Rios Pontes e Overdrives*¹⁸ apresenta como tema discursivo boa parte da cidade do Recife – Macaxeira, Imbiribeira, Boa Vista, Ibura, Ipsep, Casa Amarela, Torreão, Capibaribe, Dois Irmãos e etc. – enfeitada por manguezais, onde a lama constitui o principal ingrediente das “impressionantes esculturas de lama”, conforme é relatado na canção. Entretanto, esse enfeite é rodeado por uma dura realidade social, que é constantemente “pisoteada” e “esmagada” pela própria sociedade, conforme é verificado no seguinte trecho: “E a lama come mocambo e no mocambo tem molambo / E o molambo já voou, caiu lá no calçamento bem no sol do meio-dia / O carro passou por cima e o molambo ficou lá. Por outro lado, a denominação “esculturas de lama” pode ter sido adotada sob uma perspectiva estética e política, tendo em vista que a falta de assistencialismo social por parte das esferas governamentais vinha levando este cenário ao “desmanche” e declínio gradativo.

A última parte da composição transmite a concepção de que os moradores dos manguezais não apresentam importância ou significância alguma à sociedade: “Molambo boa peça de pano pra se costurar mentira / Molambo boa peça de pano pra se costurar miséria / Molambo boa peça de pano pra se costurar mentira, mentira, mentira / Molambo boa peça de pano pra se costurar miséria, miséria, miséria.

Conforme Vargas (2007), quanto à estrutura melódica, *Rios Pontes e Overdrives* faz uma mesclagem entre o maracatu, a embolada e o canto-falado contemporâneo do *rythm and poetry*¹⁹, presentes na cultura negra do hip-hop norte americano. O maracatu explora o conjunto de vozes, que também é encontrado nos sambas-de-roda, no momento em que o coro da música responde: “mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue”. Já a embolada realiza a união da *fala* rotineira com os compassos inerentes do canto tradicional, conforme é verificado no trecho em que Science menciona os bairros do Recife: “É Macaxeira, Imbiribeira, Bom Pastor, é o Ibura, Ipsep, Torreão, Casa Amarela / Boa Viagem, Genipapo, Bonifácio, Santo Amaro, Madalena, Boa Vista / Dois Irmãos, é o Cais do Porto, é Caxangá, é Brasilit, Beberibe, CDU / Capibaribe e o Centrão”. Por conseguinte, a rapidez com que as palavras são cadenciadas nesse trecho da música apresenta uma dicção de difícil compreensão, uma vez que é acompanhada ainda pelo emprego de assonâncias e aliterações.

2.2.4 Computadores Fazem Arte

¹⁸ Termo em inglês que significa viadutos.

¹⁹ Nome completo para a abreviatura *rap*.



Embora cantada em apenas uma estrofe, a canção *Computadores Fazem Arte* constitui um paralelo entre a tecnologia e as pessoas que utilizam desta para se promoverem, conquistarem a popularidade e acumularem fortunas. Chico deixa bem claro sobre o não reconhecimento sofrido pelos “atores” das inovações tecnológicas, que constroem uma realidade mais dinâmica e desenvolvida, mas que fica a mercê do “sucesso” de outros “atores”: “Computadores fazem arte / Artistas fazem dinheiro / Computadores Avançam / Artistas pegam carona / Cientistas criam o novo / Artistas levam a fama”.

2.3 Afrociberdelia: Chico Science & Nação Zumbi no cenário internacional

2.3.1 Manguetown

A música *Manguetown* faz menção ao próprio Recife, através dos problemas socioeconômicos encontrados nos setores mais pobres desta cidade. A lama presente nos manguezais era interpretada, naquele momento histórico, como um local marginalizado e impuro, já que seus moradores viviam em condições subumanas e sem qualquer assistência governamental. O quadro de miserabilidade e fome obrigava os habitantes daquelas regiões a catarem caranguejos, siris e outros animais, para garantir a alimentação do dia a dia, como também colherem restos de alimentos nos lixos dos mangues, conforme é relatado na canção. Chico Science lança uma crítica pesada quando atesta que até os urubus tem “asas” e casas, enquanto ele (personagem do enredo) se vê na missão de manter erguida sua palafita. Os urubus são criaturas sombrias e que se alimentam da carniça de outros animais e seres vivos. Portanto, o morador deste manguezal pega as “asas” dos abutres e vai ao encontro dos amigos, noite a fora, para beber e esquecer os problemas enfrentados no decorrer do dia, ou quem sabe encontrar uma mulher/companheira que compartilhe com ele das mesmas adversidades. Mas chegará o momento em que estes urubus se alimentarão da própria “desgraça” deste personagem.

Dessa forma, a “amizade” estabelecida entre marginalizado e abutre demonstra a total discriminação sofrida por estes moradores, que pode ser analisada sob o viés político-econômico, por meio da falta de distribuição de renda e emprego para pessoas analfabetas ou sem profissionalização, diante do Mercado de Trabalho; e social, a partir do instante em que o resto da população fecha os olhos para não acompanhar cenas “fortes”. Todavia, os problemas da *Manguetow* são tão visíveis que é impossível não presenciá-los. Seria tapar o sol com a peneira.

2.3.2 Mateus Enter

O segundo álbum de *Chico Science & Nação Zumbi* é considerado mais eletrônico e pop, mas não deixou de lado a importância e influência direta que o Maracatu – principalmente o *Rural* – tinha nas composições. Tal afirmação é encontrada na música de abertura do disco (*Mateus Enter*), personagem incorporado pelo próprio Chico Science, através da figura do Caboclo de Lança. A tecnologia se mistura com a configuração de uma grande cidade (neste caso Recife), uma vez que a



entrada do personagem Mateus, ao anunciar sua Nação de Maracatu, é mais estilizada. A palavra *Enter*, presente no título da música, é uma tecla encontrada em computadores, o que demonstrava a preocupação de Science com as inovações tecnológicas. Por outro lado, o sentimento patriótico e o amor pelo estado de Pernambuco, através de suas manifestações culturais, são transmitidos na curta canção: “Eu vim com a Nação Zumbi / Ao seu ouvido falar / Quero ver a poeira subir / E muita fumaça no ar / Cheguei com meu universo / E aterrisso no seu pensamento / Trago as luzes dos postes nos olhos / Rios e pontes no coração / Pernambuco embaixo dos pés / E minha mente na imensidão”.

2.3.3 Maracatu Atômico

Os instrumentos que compõem o tambor e a percussão, através de chocalhos, gonguê e ganzás, aliados à presença da guitarra psicodélica – tecnologia eletrônica – são elementos marcantes na música de maior sucesso de Chico Science & Nação Zumbi: *Maracatu Atômico*. De autoria de Nelson Jacobina e Nelson Mautner, a canção, inicialmente, menciona a fauna e a flora do Brasil, que contrastam com a ebulição das novas tecnologias que o mundo já vivenciava na década de 1990. A ideia de *Atômico*, termo utilizado na Física e na Química para identificar a quantidade de prótons existentes no núcleo de um átomo, diz respeito à explosão e dinâmica que o Movimento do Manguebeat vinha sofrendo. Em outras palavras, o emprego de um ritmo acelerado do Maracatu na canção funciona como uma espécie de átomo, que se movimenta numa velocidade vertiginosa. A valorização da cultura afro e da mestiçagem étnica também são vivenciados pelos autores, quando eles mencionam componentes que remetem à ideia de preconceito e luta social: “No meio da couve-flor tem a flor, tem a flor / Que além de ser uma flor tem sabor / Dentro do porta-luva tem a luva, tem a luva / Que alguém de unhas negras e tão afiadas esqueceu de pôr [...] No fundo do para-raio tem o raio, tem o raio, / Que caiu da nuvem negra do temporal / Todo quadro negro é todo negro é todo negro / Que eu escrevo seu nome nele só pra demonstrar o meu apego.

Dessa forma, a miscelânea existente entre passado e futuro, tecnologia e ecologia, levam o ouvinte a realizar uma leitura imagética dos signos melódicos, uma vez que as metáforas, vivenciadas em todo o corpo da canção, apontam para uma perspectiva psicodélica/subjetiva de compreensão dos fatos.

2.3.4 Macô

A imagem do homem pobre, sobretudo, o jovem pertencente da periferia do Recife, é verificada na música *Macô*, que vivencia uma perspectiva de luta, sobrevivência, sabedoria, malandragem e aprendizado deste protagonista. Ainda como acontece nos dias atuais, o sistema vigente de uma sociedade capitalista não permitia que as camadas pobres da população tivessem quaisquer condições de disputar por um bom emprego. Diante do exposto, o jovem malandro da canção é ridicularizado por não se enquadrar nos moldes de uma moda globalizada: “De bamba nada / Só queres barbada / Tú ta de terno amarelo / Porque tá fazendo sol / Olha só que cara



desarrumado / Que chapéu torto / Que óculos enfeitado / Ô Zé Mané, Ô Zé Mané, Ô Zé Mané, Ô!
(4x)".

O preconceito social e o "machismo" também são vivenciados pelo mesmo personagem, que ânsia por uma esposa que ele próprio a postule enquanto sua "empregada": "De zambo nada tu só quer mamata / Tu só quer ficar na minha / Porque eu tô de mão cheia / Olha só que menina bonitinha / Pra poder ficar comigo / Tem que saber de cozinha / Ô menina, Ô menina, Ô menina, Ô! (4x)".

Science ainda teve tempo para se lembrar da figura de Roger de Renor, que é mencionado na canção em forma de pergunta: *Cadê Roger?* Na década de 1990, Roger gerenciava o bar *Soparia*, na época localizado no Bairro do Pina, em Recife, no mesmo instante em que o *Manguebit* começava a ser esboçado por Fred 04 demais mangueboys, através do release *Caranguejos com Cérebro*. Na época, o local era frequentado por diversos artistas recifenses, inclusive o próprio Chico Science, que discutiam ideias e novas perspectivas para a música pernambucana, enquanto as noites do bar eram ainda influenciadas por festas e momentos de confraternização. Dessa forma, Roger teve ampla participação e contribuição no processo de disseminação da cena recifense, o que acabou levando Science a homenageá-lo na composição.

Perguntado pela revista recifense *Manguenius* sobre como era a relação dele com Chico Science, se eles eram próximos como a música "Macô" leva a sugerir, Roger responde: "Era mais uma identificação estética do que uma amizade de verdade. Ele gostava do Landau, das coisas lá do bar (*Soparia*), da minha fantasia de flor que ele colocou no disco... Nem sou dono de bar, nem produtor cultural, porque não ganho dinheiro (só vendo cerveja), nem ganho dinheiro como produtor cultural. Minha formação acadêmica e literária é toda da capoeira. (NETO, 2007, p. 104).

O nome *Macô* partiu de uma observação feita por Chico na *Soparia*, quando o mesmo identificou alguns rapazes fumando maconha, próximo do bar. A partir daquele momento, ele idealizou que, num futuro próximo, a maconha fosse legalizada e vendida em grandes feiras livres, sob a forma de *chips* de computadores.

3 Conclusão

Numa época em que as tradições populares se defrontavam com a eclosão de movimentos musicais da era globalizada, Recife vivia talvez a pior perspectiva cultural de sua história. Por outro lado, a capital pernambucana abarcava sérios indicadores políticos e socioeconômicos, que eram presenciados nos setores mais pobres da sociedade – favelas, subúrbios e manguezais. A má distribuição de renda retirava a perspectiva de qualquer desenvolvimento para o município, que um dia já havia sido considerado o principal centro urbano do Nordeste e um dos mais importantes do país. Diante desse aspecto, como implantar nos jovens a aspiração por condições sociais mais equitativas, tendo em vista que eles seriam o futuro de qualquer nação? Como estimulá-los a não consumirem somente produtos midiáticos da "moda", em detrimento das ricas manifestações



culturais que estavam inseridas no próprio seio recifense? Como “salvar” a música brasileira, que, de certa forma, sofria um processo de estagnação depois da efervescência proferida pelo BRock nacional? Esses questionamentos foram decisivos para que Chico Science, Fred 04 e Renato L não só devolvessem a criatividade e a energia do maracatu, do coco-de-roda, da embolada, do frevo, do caboclinho, do repente e de outros ritmos musicais, como também incentivou que jovens, não só de Recife, utilizassem a música como principal instrumento de protesto contra a ascensão desenfreada de uma determinada elite.

A conquista vivenciada ainda em outros espaços além da música – artes cênicas, cinema, execução de projetos sociais e etc. – cumpriu com a proposta inicial de tornar o *Manguebit* num Movimento contínuo e ininterrupto, a fim de que as futuras gerações fossem “contaminadas” pela sede de justiça social e, sobretudo, pelo anseio de valorização das culturas locais e regionais. Se boa parte da classe juvenil recifense, no início da década de 1990, estava condicionada ao modismo do axé, do pagode e do sertanejo, por exemplo, ao final dela, estes mesmos jovens sabiam que era possível produzir música de qualidade, a partir da união do Maracatu/hip hop/candomblé, além de acrescentar um toque de “tecnologia”.

Dessa forma, a música dos anos 1990 não se tornou estritamente comercial e mecanizada, graças à inteligência e ousadia de Chico Science, no instante em que foi possível experimentar uma estética totalmente inovadora e diferenciada. O ponto de partida para todo esse contexto aconteceu ali mesmo, nos manguezais da cidade, que concentravam todo o material “ideológico” necessário para que Science colocasse o *Manguebit* em prática. Justapor, em perfeita sintonia, instrumentos musicais como tambores de Maracatu, guitarra elétrica e, num segundo momento, bateria, foi um papel brilhantemente desempenhado e alçado pelo poeta pernambucano, que deixou um legado fértil e significativo ao universo da metrópole pernambucana, devolvendo-a novamente a imagem de uma das cidades culturais mais influentes do país.

Diante desse panorama, a música vinda do “mangue” mostrou aos quatro cantos do país que era preciso renovar a produção cultural brasileira, que estava adormecida e não tinha qualquer manifesto de novidade. O *Manguebit* não serviu somente para alimentar as ideias dos *mangueboys* ou simplesmente revelar as mazelas do Recife, mas também teve importante contribuição na formação de artistas e bandas, que hoje são referenciados no cenário nacional.

Nos dias atuais, mesmo caminhando ao lado dos produtos que apresentam crescimento acelerado e contínuo no número de vendas, ou seja, aqueles fomentados pela grande mídia, o *Manguebit* vem permitindo que boa parte dos estados brasileiros desenvolva uma política de incentivo as manifestações artístico-culturais, a fim de que seja estabelecida uma valorização dos elementos e atores regionais. Em outras palavras, o Movimento rompeu as fronteiras da capital do frevo.

Referências

a) Livros e artigos

NETO, Moisés. **Chico Science: A Rapsódia Afrociberdélica**. Recife: Livro Rápido – Ecológica, 2007.



LIMA, Tatiana. Música e mídia: notas sobre o mangubeat no circuito massivo. **Revista Diálogos Possíveis**, Salvador: Faculdade Social da Bahia, a. VI, n. 2, p. 79-95, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/11/05.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

AVELAR, Idelber. O mangubeat e a superação do fosso entre o nacional e o jovem na música popular. **Revista outra travessia**, Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Literatura da UFSC, n. 11, jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2011n11p25>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

TESSER, Paula. *Mangue Beat: hùmus cultural e social*. **LOGOS 26**: comunicação e conflitos urbanos, Rio de Janeiro: UERJ, a. XIV, p. 70-83, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/05_PAULA_TESSER.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2012.

VARGAS, Herom. **Hibridismos do Mangue**: Chico Science & Nação Zumbi. São Paulo: Musmid, 2008.

b) Fontes sonoras

ZUMBI, Chico Science & Nação. Rios, Pontes e Overdrives. C. Science, F. Zero Quatro [Compositores]. In: _____ Da Lama ao Caos [S.I.]: Sony Music, p1994, 1 CD (ca. 50 min 10 s). Faixa (4 min 3 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. A Cidade. C. Science [Compositor]. In: _____ Da Lama ao Caos [S.I.]: Sony Music, p1994, 1 CD (ca. 50 min 10 s). Faixa (4 min 46 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. A Praia. C. Science [Compositor]. In: _____ Da Lama ao Caos [S.I.]: Sony Music, p1994, 1 CD (ca. 50 min 10 s). Faixa (3 min 36 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. Salustiano Song. C. Science, L. Maia [Compositores]. In: _____ Da Lama ao Caos [S.I.]: Sony Music, p1994, 1 CD (ca. 50 min 10 s). Faixa (1 min 28 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. Antene-se. C. Science [Compositor]. In: _____ Da Lama ao Caos [S.I.]: Sony Music, p1994, 1 CD (ca. 50 min 10 s). Faixa (3 min 35 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. Samba Makossa. C. Science [Compositor]. In: _____ Da Lama ao Caos [S.I.]: Sony Music, p1994, 1 CD (ca. 50 min 10 s). Faixa (3 min 03 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. Côco Dub (Afrociberdelia). C. Science [Compositor]. In: _____ Da Lama ao Caos [S.I.]: Sony Music, p1994, 1 CD (ca. 50 min 10 s). Faixa (6 min 45 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. Da Lama ao Caos. C. Science [Compositor]. In: _____ Da Lama ao Caos [S.I.]: Sony Music, p1994, 1 CD (ca. 50 min 10 s). Faixa (4 min 31 s).



ZUMBI, Chico Science & Nação. Computadores Fazem Arte. F. Zero Quatro [Compositor]. In: _____Da Lama ao Caos [S.I.]: Sony Music, p1994, 1 CD (ca. 50 min 10 s). Faixa (3 min 13 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. Sangue de Bairro. C. Science [Compositor]. In: _____Afrociberdelia [S.I.]: Sony Music, p1996, 1 CD (ca. 70 min 41 s). Faixa (2 min 12 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. Manguetown. C. Science [Compositor]. In: _____Afrociberdelia [S.I.]: Sony Music, p1996, 1 CD (ca. 70 min 41 s). Faixa (3 min 15 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. Mateus Enter. C. Science [Compositor]. In: _____Afrociberdelia [S.I.]: Sony Music, p1996, 1 CD (ca. 70 min 41 s). Faixa (0 min 33 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. Maracatu Atômico. J. Mautner, N. Jacobina [Compositores]. In: _____Afrociberdelia [S.I.]: Sony Music, p1996, 1 CD (ca. 70 min 41 s). Faixa (4 min 45 s).

ZUMBI, Chico Science & Nação. Macô. C. Science, J. Du Peixe, E. BiDiovsk [Compositores]. In: _____Afrociberdelia [S.I.]: Sony Music, p1996, 1 CD (ca. 70 min 41 s). Faixa (4 min 10 s).

c) Fontes imagéticas

BAILE Perfumado. Direção: Paulo Caldas e Lírio Ferreira. Produção: Paulo Caldas, Germano Coelho Filho, Lírio Ferreira, Marcelo Pinheiro e Aramis Trindade. Roteiro: Lírio Ferreira, Paulo Caldas e Hilton Lacerda. Intérpretes: Duda Mamberti, Luiz Carlos Vasconcelos, Chico Díaz, Cláudio Mamberti, Joffre Soares, Aramis Trindade e outros. [S.I.] Saci Filmes; Riofilme, 1997. 1 filme (93 min).

O RAP do Pequeno Príncipe contra as almas sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Produção: Luis Vidal, João Junior, Danielle Hoover e Clélia Bessa. Intérpretes: Hélio José Muniz Filho, Alexandre Garnizé, D. Maria João Veiga Filho, Annaclarice Almeida, Eduardo Trindade, Josley Cardinot, Paulo Roberto de Souza, Vera Lúcia Alves de Souza e outros. Roteiro: Marcelo Luna, Fred Jordão e Paulo Caldas. Música: DJ Dolores e Alexandre Garnizé. Rio de Janeiro: Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas Ltda, 2000. 1 DVD (75 min).

AMARELO Manga. Direção: Cláudio Assis. Produção: Marcello Maia e Paulo Sacramento. Intérpretes: Matheus Nachtergaele, Jonas Bloch, Dira Paes, Chico Díaz, Leona Cavalli, Conceição Camarotti, Cosme Prezado Soares, Everaldo Pontes, Magdale Alves e Jones Melo. Roteiro: Hilton Lacerda. Música: Jorge Du Peixe e Lúcio Maia. Recife: Olhos de Cão Produções, 2003. 1 DVD (100 min).

ÁRIDO Movie. Direção: Lírio Ferreira. Produção: Murilo Salles e Lírio Ferreira. Intérpretes: Guilherme Weber, Giulia Gam, Gustavo Falcão, Selton Melo, Mariana Lima, José Dumont, Suyane



Moreira, Luis Carlos Vasconcelos, Aramis Trindade, Matheus Nachtergaele, Renata Sorrah e outros. Pernambuco e São Paulo: Europa Filmes e M.A. Marcondes, 2006. 1 DVD (115 min).

CINEMA, Aspirina e Urubus. Direção: Marcelo Gomes. Produção: Sara Silveira, Maria Ionescu e João vieira Jr. Intérpretes: João Miguel, Peter Ketnath, Hermila Guedes, José Leite, Zezita Matos, Osvaldo Mil e Fabiana Pirro, Irandhir Santos. Música: Tomás Alves Souza. Dezenove Som e Imagens e Rec Produtores Associados, 2005. 1 DVD (90 min).

